

A OCUPAÇÃO ROMANA EM TORNO DE ALVALADE: NOVOS DADOS

RESUMO

O autor dá a conhecer o resultado das suas investigações na freguesia de Alvalade, concelho de Santiago do Cacém. Apresentam-se as estações arqueológicas de época romana identificadas no decorrer do acompanhamento arqueológico das obras de remodelação da Linha do Sul, alguns sítios dados a conhecer por moradores da freguesia e outras referenciadas na documentação pessoal do Padre Jorge de Oliveira. Com esta comunicação, pretende-se aprofundar um pouco mais o conhecimento da ocupação romana em torno do rio Sado, nesta zona do Alentejo Litoral.

ABSTRACT

The author presents the result of his investigations in the region of Alvalade, in the Santiago do Cacém's county. Some roman archeological places wich were founded by him and for some other investigators based on works made nearby Alvalade, other places indicated by local inhabitants, and some places mentioned by the prist Jorge de Oliveira. With this communication, the author pretends deepen a little more the knowledge of the roman occupation along the Sado's river in the Alentejo Litoral.

A OCUPAÇÃO ROMANA EM TORNO DE ALVALADE: NOVOS DADOS

Ao longo dos últimos anos, por vicissitudes várias, tive oportunidade de efectuar estudos e acompanhamentos arqueológicos na zona envolvente de Alvalade, concelho de Santiago do Cacém, tendo sido possível ter acesso a um conjunto de colecções particulares, de que se destacam a da Casa do Povo de Alvalade, a da Escola Secundária de Alvalade e a o Padre Jorge de Oliveira, bem como a consulta da documentação relativa a achados arqueológicos efectuados entre 1911 e o final da década de 40 do século passado, devidamente anotados por este vulto da cultura Alvaladense, que é o Padre Jorge de Oliveira. A partir da consulta desta documentação observou-se que algumas estações arqueológicas que pensávamos ser inéditas ou completamente desconhecidas, já tinham efectivamente sido identificadas e registadas, sendo de notar a precisão com o Padre Jorge de Oliveira o fez. Mais importante do que tudo o resto, é o facto de lhe ter sido possível ver *in loco* as estruturas arqueológicas que vinham sendo identificadas. Os seus conhecimentos históricos e a atenção com que fazia as suas anotações permitem-nos actualmente colocar propostas de reconstituição da ocupação do espaço, tendo conhecimento prévio do tipo de ocupação que determinado sítio arqueológico teve para além dos simples fragmentos cerâmicos que ainda subsistem à superfície.

O conjunto de informações obtidos a partir destes trabalhos permitiu identificar um importante conjunto de sítios arqueológicos, com maior predominância para a época romana.

Com algumas excepções, a maior parte dos sítios foi identificado (ou re-identificado) no decorrer do acompanhamento arqueológico que co-dirigi no troço Ermidas-Sado/Funcheira, entre finais de Agosto de 2003 e Outubro de 2004, não deixando de ser interessante o facto de podermos constatar que a centenária linha de caminho de ferro foi construída junto da várzea do Sado, suficientemente afastada para evitar as inundações fluviais. Por essa razão, passa muito próximo de um grande conjunto de estações arqueológicas datáveis de época romana.

A quantidade de sítios arqueológicos deste período, e o estudo do seu conjunto como um todo, permite toda uma panóplia de leituras que possibilitam uma melhor compreensão da (s) forma (s) de ocupação do espaço entre finais do século I a.C. e o século V.

É de destacar o interesse da população alvaladense em preservar a memória do seu passado, notando-se, por exemplo, a iniciativa de proprietários e trabalhadores rurais que, com o objectivo de promover o estudo da história da sua terra, nos deram a conhecer a existência de locais de interesse arqueológico por eles descobertos. Alguns habitantes têm uma série de machados de pedra polida, moventes, dormentes, entre muitos outros materiais, em sua casa, em alguns casos recolhidas há mais de vinte anos. O mais interessante é que todas essas pessoas me asseguraram que as estão a guardar até que seja criado um núcleo museológico em Alvalade para que as suas peças não venham a disseminar-se por outras zonas do país ou do estrangeiro.

A metodologia utilizada para a identificação de estações arqueológicas, quer em obra, quer aquelas cuja localização foi fornecida por outrem, baseou-se na prospecção arqueológica, com o respectivo registo fotográfico e as habituais anotações em caderno de campo.

Um dos locais identificados em 2002, nomeadamente a Defesa 3, foi posteriormente escavado por uma equipa chefiada por Luís Carvalho e por Vanessa Sousa e por esse motivo não serão dadas informações muito profundas sobre este arqueossítio, que aguarda publicação dos resultados pelos arqueólogos responsáveis pela intervenção.

Com o presente artigo pretende-se de reunir todos os resultados obtidos a partir dos vários estudos efectuados ao longo dos últimos anos, para que seja possível obter uma melhor percepção daquilo que compreendemos por romanização de uma zona que servia de fronteira entre as *ciuitates Mirobriga* e *Pax Iulia*.

ANTIGOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NA FREGUESIA

Desde muito cedo, a freguesia de Alvalade tem despertado a atenção dos arqueólogos portugueses. Em 1908 José Leite de Vasconcelos passou em Alvalade, onde visitou vários sítios arqueológicos, fundamentalmente as estações arqueológicas ora designadas por Defesa 1 e Defesa 3. Na primeira observou uma tampa insculturada de sepultura da Idade do Bronze, que publicou, e na segunda recolheu fragmentos de mosaico, que entretanto deram entrada no Museu Nacional de Arqueologia.

Em 1913, deram entrada no Museu Nacional de Arqueologia peças arqueológicas provenientes de uma sepultura do sítio Arqueológico actualmente designado por Defesa 2 (Alarcão, 1988), que deve corresponder à necrópole da *villa* da Defesa 3.

Entre os anos de 1911 e 1946, período em que foi pároco de Alvalade, depois de ter sido destituído do cargo de Capelão-mor do reino, por ter assumido uma filha, o Padre Jorge de Oliveira anotou o aparecimento de um importante conjunto de sítios arqueológicos, de várias épocas, com uma precisão muito aceitável para alguém que não era arqueólogo, ou historiador, mas que tinha uma cultura impressionante.

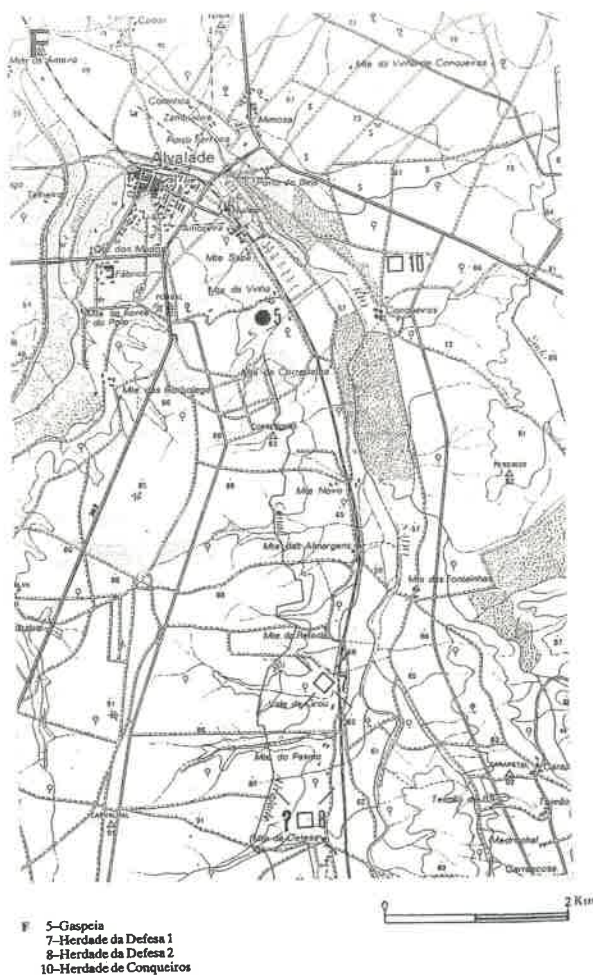
Em 1979, Clementino Amaro e Manuel Rosivelt Santos Barreto efectuaram escavações arqueológicas na *villa* romana de Conqueiros, com a finalidade de registar todas as informações possíveis após a destruição de vestígios provocada pelo plantio de arroz. Nesta intervenção foram colocadas a descoberto várias estruturas destruídas quase na sua totalidade e recolhidas três inscrições funerárias de época romana¹.

Na década de 80, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares efectuaram escavações arqueológicas num habitat do Neolítico no sítio arqueológico da Gaspeia, onde voltaram a escavar em 2002 e em 2004.

¹ Cf. Clementino Amaro e Manuel Rosivelt Santos Barreto, "A 'villa' de Conqueiros e enquadramento arqueológico", comunicação inédita apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980.

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico das obras de remodelação da Linha do Sul, iniciados em 2001 e concluídos em Outubro de 2004, permitiram identificar um conjunto de 14 novas estações arqueológicas.

Apenas em inícios de 2005, tomei pessoalmente conhecimento da existência dos apontamentos do Padre Jorge de Oliveira, que me foram então oferecidos pela sua neta, que me mostrou também algumas das peças que tinha em sua posse.

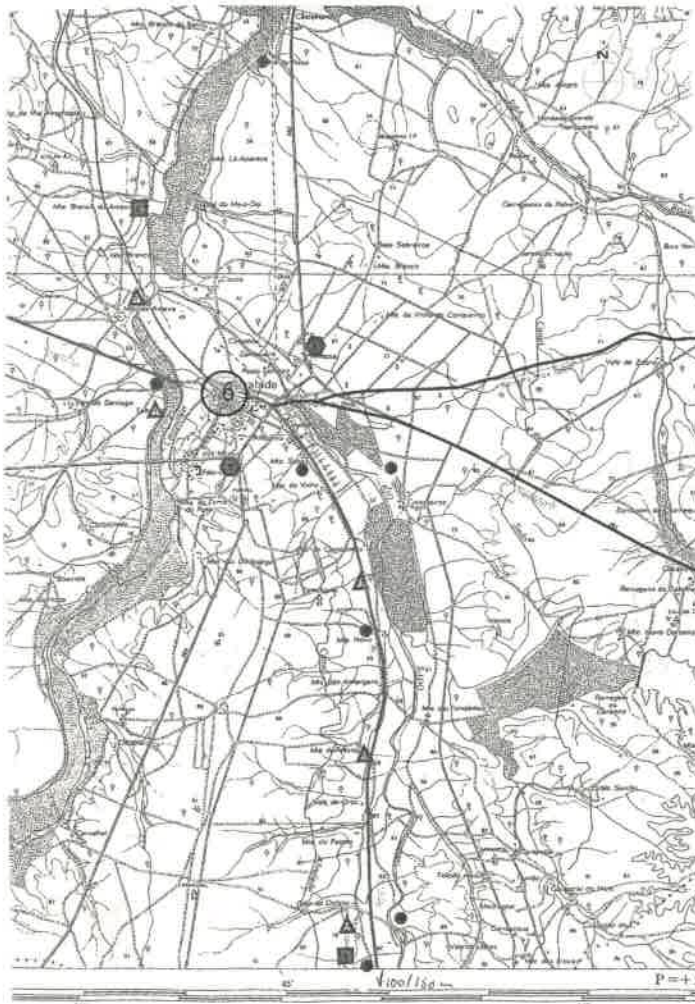


Planta 1 - Planta de localização dos sítios arqueológicos da freguesia de Alvalade do Sado em 1993 (FERREIRA, SILVA, LOURENÇO e SOUSA, p.190)

ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE ÉPOCA ROMANA IDENTIFICADAS E FORMAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

Apesar de ter existido um bom conjunto de trabalhos em torno de Alvalade, aquando da publicação dos Subsídios Para uma Carta Arqueológica (FERREIRA, SILVA, LOURENÇO e SOUSA, 1993) apenas quatro sítios eram conhecidos da comunidade arqueológica e destes apenas dois eram cronologicamente situáveis na época romana: Conqueiros e Defesa 2.

Os vários trabalhos realizados desde então na freguesia de Alvalade, permitiram identificar mais de duas dezenas de sítios, sendo que, no que concerne à ocupação romana, foi possível acrescentar mais algumas referências aos dois sítios já conhecidos, tendo-se ainda referenciado mais dois locais onde apareceram moedas, mas onde não me foi ainda possível confirmar a existência de outros indícios arqueológicos. Quer através das observações efectuadas no terreno, quer nos dados recolhidos a partir da fonte primordial que é o caderno do Padre Jorge de Oliveira, foi possível identificar um possível *uicus* (Alvalade), sete *uillae* [Monte do Roxo; Monte da Ameira 1/Monte do Brejo, Monte da Sapa, Conqueiros, Monte das Gáspeas (ou Gaspeia 3), Defesa V, Defesa 3], cinco pequenos sítios, que podemos definir como casais ou *tugurrae* (Ameira 2, Ameira 4, Gaspeia II, Retorta I, Defesa IV), quatro necrópoles (Monte Branco da Ameira, muito possivelmente associado a uma *uilla*, Monte do Brejo, Conqueiros e Monte da Defesa 2), três sítios com funcionalidades indeterminadas (Mimosa, Moinhos de Alvalade e Monte Espada) e uma possível ponte.



- ⑥ - VICUS
- - VILLA
- - POSSÍVEL LOCALIZAÇÃO DE NECRÓPOLE
- - NECRÓPOLE
- △ - CASAL ROMANO
- - ZONA DE ACHADOS DE FUNCIONALIDADE INDETERMINADA
- - VIA CONFORMADA ROMANA E MEDIEVAL
- - VIA CONFORMADA ROMANA E OU MEDIEVAL

Planta 2 - Localização dos sítios arqueológicos de época romana em torno da actual vila de Alvalade.

POSSÍVEL VICUS

1- ALVALADE (PLANTA 2, Nº6)

CERRADO (ACTUAL CEMITÉRIO), CASA DO PADRE JORGE DE OLIVEIRA, ADRO DA IGREJA MATRIZ E CERRADO DE MARIA LANÇA

Os primeiros achados de materiais de época romana no interior da actual vila de Alvalade ocorreram em 1913 e em 1914, quando o Padre Jorge de Oliveira descobriu no seu próprio quintal algumas *tegullae* e láteres, seguindo-se pouco depois alguns achados no Cerrado (actual cemitério) e no Adro da Igreja Matriz, onde também foram encontrados dormentes e moventes. Em Abril de 1924 foram identificadas estruturas na Cerca de Maria Lança, localizado perto da zona conhecida pelo Cerradinho. Segundo os registos do Padre Jorge de Oliveira, o trabalhador João Belchior, procedendo a uma abertura de uma vala, encontrou uma sapata extensa de alvenaria, juntamente com um pavimento composto por três camadas: a primeira de pedra grossa, a segunda composta por seixos ligados com argamassa de cal e a terceira com fragmentos de cerâmica e argamassa de cal (*opus signinum?*). Sobre este pavimento foram identificados tijolos de variadas dimensões (láteres), rectangulares, *tegullae* e *imbrices*. No local, o Padre Jorge de Oliveira propôs a localização de uma adega, referindo ainda a recolha de moedas de bronze do tamanho de um centavo (“já gastas”). A proposta concreta para o tipo de estrutura identificada não deixa de ser uma mera hipótese. Pela descrição, trata-se sem dúvida de uma parede, ou de um conjunto de paredes, a que se associa um pavimento em *opus signinum*. A existência de três camadas coloca de lado a hipótese de tratar de um pavi-

mento de uma basílica paleocristã que eventualmente cobrisse algumas sepulturas, como se observou em Mértola, por exemplo. Além disso, certamente que o Padre Jorge Oliveira terá observado um corte do pavimento para saber que tinha três camadas e se existissem sepulturas cobertas pelo *opus signinum*, estas teriam certamente sido registadas. Posto isto, fica a certeza de que se tratava de uma estrutura para contenção de líquidos. Neste campo, levantam-se várias hipóteses: poderia tratar-se de um tanque para contenção de água, uma natatio de umas termas romanas ou um tanque para produção de vinho, como comprovadamente existiu aqui bem perto, na *uilla* do Monte do Roxo. Apesar do Padre Jorge de Oliveira não apresentar medidas concretas para a parede então descoberta, a expressão “sapata extensa de alvenaria”, permite pensar que se trataria de uma estrutura com mais de 5m de comprimento, pelo que as duas primeiras hipóteses seriam as mais correctas. Modéstia à parte seria tentador pensar que seriam as termas do povoado eventualmente existente sob a actual Alvalade, mas isso não passa de uma mera hipótese.

Infelizmente, nesta zona existem casas de habitação construídas no decorrer da segunda metade do século XX, podendo as estruturas de época romana ter sido destruídas por completo.

Em 2005 foi descoberto próximo da Igreja da Misericórdia um pote cheio de moedas de prata, cuja época de cunhagem é desconhecida, não sendo de descurar que fossem de época romana. Infelizmente, a obra da EDP em que foram descobertas não foi alvo de acompanhamento arqueológico, tendo as moedas desaparecido por completo.

Em torno de Alvalade existem um sítio que merece destaque pela sua proximidade e pelo tipo de materiais que aí têm sido recolhidos: nos moinhos de Alvalade foram identificados fragmentos de ladrões e *tegullae*, bem como uma moeda de Dom Rodrigo (710-711) e uma moeda islâmica. Seria esta uma das necrópoles do antigo povoado?

Coordenadas do sítio: 37°56'26", 60N e 08°23'40", 81W.



Fotografia 1 – A vila de Alvalade dominante sobre as várzeas do Sado e de Campilhas.



Fotografia 2 – Adro da Igreja Matriz de Alvalade na actualidade.



Fotografia 3 – Elemento de lagar recolhido em Alvalade.

1 – MONTE DO ROXO (PLANTA 2, Nº 1)

Sob o actual Monte do Roxo, Alvalade, Santiago do Cacém, é possível observar vestígios muito importantes de uma antiga *uilla* romana. Existem notícias da existência de estruturas (incluindo tanques forrados com opus *Signinum* em cujo interior foram recolhidas grainhas ressequidas de uvas), *cuppae*, lucernas e outros materiais no século XVIII, data em que algumas peças foram enviadas para o Frei Manuel do Cenáculo, em Beja².

O local tem as seguintes coordenadas: 37°57'17", 02 latitude norte, 08°24'24", 40 longitude oeste e 56m de altitude. O acesso faz-se pelo IC1, virando-se à esquerda na primeira estrada de terra batida com palmeiras à entrada, a norte da Mimosa (sentido sul/norte).

À superfície, destaca-se a grande concentração de materiais de construção de época romana, *sigillatas* galoromanas, hispânicas e norte-africanas, ânforas lusitanas (Lusitana 2 e Lusitana 4), cerâmicas comuns islâmicas, medievais cristãs e modernas e faianças portuguesas.

Da mesma forma, nas cofragens das paredes de taipa da casa principal do "Monte", deparamo-nos com a grande quantidade de materiais romanos reutilizados, destacando-se os materiais de construção (*tegullae*, *imbrices* e láteres). Para além destes pode ainda observar-se a presença de *sigillatas* (onde se inclui um fragmento de bordo de Dragendorf 27), de fragmentos de bojos de ânforas e de fragmentos de cerâmica comum. A presença de uma grande quantidade de materiais de época romana nas paredes em taipa indicia que o actual "Monte" foi construído sobre as estruturas da antiga *uilla*, até porque as áreas de maior concentração de materiais situam-se numa área de cerca de 2ha envolvente da construção actual e ainda que alguns níveis arqueológicos poderão ter sido simplesmente "rapados", motivo por que podemos observar elementos arquitectónicos reaproveitados, bem como inscrições de época moderna.

De entre o espólio recolhido neste local ao longo dos anos destacam-se ainda os vários elementos arquitectónicos eventualmente datáveis de época tardo-romana, visigótica, ou até mesmo moçárabe, que poderão ter pertencido a um edifício religioso. Alguns ainda se encontram reutilizados nas estruturas do "monte", servindo, por exemplo, de poiais. Entre os materiais descobertos neste sítio arqueológico dois fragmentos de cancela, uma imposta que servia de base ao arranque do arco da abside e um colunelo (pé-de-altar?). O fragmento de cancela de maiores dimensões preserva em bom estado de conservação a sua decoração, possuindo 0,85m de altura e 0,67m de comprimento, medidas máximas, não tendo sido possível determinar a sua espessura (Feio, 2008 pp.484 a 489). Neste momento, serve de "tapete" junto à entrada da capela de Nossa Senhora do Roxo.

O segundo fragmento de cancela de *iconostase*, encontra-se depositado na sede da Casa do Povo de Alvalade e apresenta uma decoração composta por octofólios insertos em quadrados (Feio, 2008, pp. 484 a 489). Preserva 0,46m de comprimento, 0,34m de altura e 0,0m de espessura. No topo a peça está decorada com trifólios ou folhas de acanto estilizadas (Idem, *ibidem*).

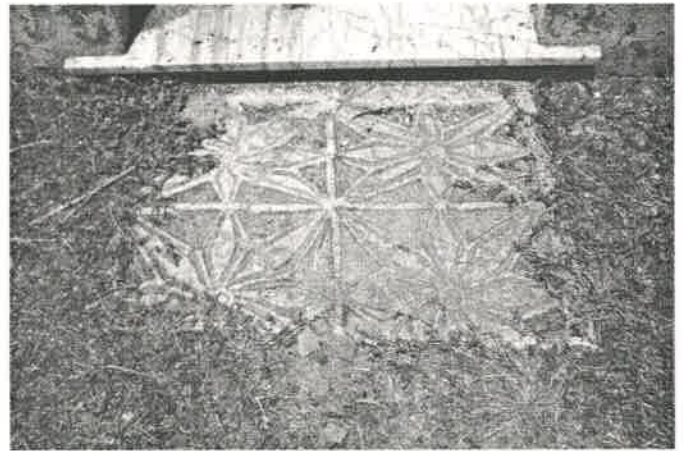
Até há bem pouco tempo, uma terceira peça definida como fragmento de cancela de *iconostase* que servia como de soleira de porta numa das entradas do "monte", apresentando a face voltada para cima completamente desgastada, foi retirada do local onde se encontrava no dia 09 de Fevereiro de 2008, face ao perigo de ruína do "monte" e tendo em consideração que poderia facilmente ser roubada por um qualquer caçador de tesouros. Foi possível solicitar ao encarregado do "monte" a recolha desta peça e a sua deposição em lugar seguro, até que existisse consentimento do proprietário na sua entrega para o futuro núcleo museológico de arqueologia de Alvalade, o que foi feito de imediato. Foi possível observar então, com estupefacção, a decoração e o tipo de peça em causa. Este elemento arquitectónico possui uma importância significativa para uma melhor compreensão do edifício religioso que existiu neste local. Poderá tratar-se de um friso em mármore de veios cinzentos para embeber numa parede e servir de base a/ou marcando o nascimento de um arco, tendo decoração da parte da frente e da parte de trás desse arco, em princípio um arco separador da abside de uma basílica paleocristã. Reaproveita uma peça romana mais antiga cujo o esquema decorativo se pode integrar nos estilos corintio ou lésbico. A decoração romana poderá datar do século II e a cristã do século VII. A peça tem 1,01m de comprimento máximo preservado, 0,615m de

largura máxima preservada, 0,12m espessura máxima na face decorada com peltas e bifólios, 0,08m de espessura máxima na face decorada com trifólios.

Com o mesmo tipo de suporte foi concebido o colunelo (pé-de-altar) que preserva 0,39m da sua altura, com o capitel e parte do fuste em bom estado de conservação e bem diferenciados entre si por uma espécie de “gola” (Feio, 2008, pp.484 a 489).

Tendo em consideração os exemplos aludidos, a atribuição de uma cronologia para a construção inicial do edifício de culto situa-se no século IV ou no V, transformando-o num dos mais antigos de *conventus Ivensis*. A presença de peças de cronologia mais tardia, permite observar a vitalidade do culto no actual “monte” do Roxo. Subsistem ainda algumas dúvidas do ponto de vista cronológico, sobretudo no que diz respeito aos fragmentos de cancelas de *iconostase*, que tanto poderão datar do século VII, como poderão integrar-se em período moçárabe, até porque neste local, pelo que podemos aferir pelos materiais arqueológicos recolhidos à superfície, foi possível observar vestígios de uma ocupação humana entre o século I e a época islâmica, sendo posteriormente reocupado em época moderna. Nesse sentido, parte do espólio arquitectónico poderia ser perfeitamente situado cronologicamente entre os séculos VIII e X, tratando-se, portanto, de uma estrutura que sobreviveu como edifício de culto cristão até à uma fase avançada no período de ocupação islâmica, não se descorando a possibilidade de se tratarem efectivamente de elementos arquitectónicos desenvolvidos na época suevo-visigótica, denunciando a existência de um edifício religioso onde houve uma continuação de culto pelo menos até ao século X. Neste caso, teríamos uma continuidade de culto na fase de transição entre a época de dominação visigótica e o período de domínio islâmico. A religiosidade neste local viria a manter-se nos períodos baixo-medieval, moderno e contemporâneo, sob as invocações de Santa Maria do Roxo e de Santana do Roxo.

Enquanto não se efectuarem escavações arqueológicas neste local não será possível determinar com maior exactidão a cronologia da ocupação do edifício religioso inicial. Dessa forma, deixo prudentemente esta questão em aberto.



Fotografia 4 – Monte do Roxo, a partir de Este.

Fotografia 5 – Fragmentos de cancela de *iconostase* visigótica localizada em frente da porta de entrada da capela de Nossa Senhora do Roxo.



Fotografia 6 – Fragmento de possível imposta para arranque do arco de acesso à abside, enquanto servia de poial na entrada do “monte” do Roxo.



Fotografia 7 - Parte frontal de um friso visigótico elaborado a partir de uma peça romana do século II.



Fotografia 8 - Decoração lateral com peltas ou encordoado. No topo pode ainda observar-se uma decoração a simular um capitel com Folhas de Acanto.



Fotografia 9 - Decoração da outra face, com trifólios.



Fotografia 10 - Pormenor Decorativo